

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA QUÍMICA DE TERCEIRA GERAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Danusa Quadros Soares

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 150-151, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38200/24582>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA INDÚSTRIA QUÍMICA DE TERCEIRA GERAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Danusa Quadros Soares *

A indústria química do Rio Grande do Sul pode ser considerada antes e depois da instalação do Pólo Petroquímico, que começou a operar no Rio Grande do Sul no ano de 1975, sob a designação da Copesul. Ela criou as bases para indústrias químicas modernas, designadas de primeira e segunda geração, possibilitando a expansão da indústria química de consumo, ou de terceira geração. O Pólo Petroquímico (primeira e segunda geração) foi instalado numa área especial, no município de Triunfo, em consequência dos efeitos ambientais que poderia gerar e da necessidade de áreas com características locais bem definidas.

A expectativa da localização das indústrias de terceira geração na área do Pólo, entretanto, não se concretizou em virtude das *vantagens locais* das indústrias de terceira geração nas áreas mais próximas ao consumo de seus produtos, bem como fatores de ordem econômica e ambiental. As indústrias de terceira geração ficaram locacionalmente dispersas. Esta dispersão tem, entretanto, efeitos sobre as condições ambientais nos locais onde estão instaladas as indústrias. Portanto, nota-se que há um grande número de indústrias de terceira geração na área metropolitana de Porto Alegre, mais especificamente na área de Triunfo, Porto Alegre, Novo Hamburgo, Canoas, Esteio, São Leopoldo, Guafaba, Gravataí, Cachoeirinha, entre outros, gerando assim um grande percentual de empregos nesta área. Isso se deve ao fato de o interesse comum de cada setor industrial convergir no mesmo ponto, seja econômico, comercial ou social.

Entretanto, a duplicação do Pólo Petroquímico Gaúcho – um projeto defendido há anos pelo setor – começou a ser negociado ainda em dezembro de 1994. E no ano de 1995, acaba de ser aprovada a implantação da proposta de duplicação do Pólo Petroquímico do Sul, com a indústria de terceira geração.

No Rio Grande do Sul, a produção da indústria de terceira geração é muito diversificada, mas existe uma ligeira predominância do segmento de embalagens plásticas – filmes, sacolas, bandejas plásticas, sacos... Com isso, a indústria de plásticos deverá vir a ser a indústria química de transformação mais importante, visto que as matérias-primas que serão oferecidas pelo Pólo serão representadas pelos plásticos (85% da produção do Complexo Básico) e pelos elastômeros, que formam quase o total restante. Há empresas de terceira geração maiores que se destacam como a Medabil, que faz forros e portas sanfonadas, a Kenko, produtora de fraldas descartáveis e a San Remo, fabricante de potes para alimentos. Outras sequer são do ramo, o que não as impede de consumir matéria-prima produzida pelo Complexo Petroquímico. É o caso da Grendene, que usa grandes quantidades de PVC – o mesmo que serve para tubos e conexões e venezianas plásticas.

São as indústrias de terceira geração as responsáveis diretas pelo aumento considerável da arrecadação de impostos. Com isso, o Programa de Desenvolvimento da Indústria de Transformação de produtos petroquímicos e químicos do Estado (PROPLAST) reivindica a criação de um mecanismo automático de retorno de ICMS. O PROPLAST prevê que 50% a 75% do imposto gerado por novos investimentos nas fábricas possa ficar nas empresas, até um teto de igual valor aos investimentos realizados.

Levando em conta, que um pólo não é muito rentável e que os maiores rendimentos ocorrem nas indústrias intermediárias e de transformação, vemos que a duplicação do Pólo com as indústrias de terceira geração é bastante conveniente, entretanto, não se justifica o imenso capital investido se ele não gerar o aproveitamento local dos petroquímicos básicos. Atualmente, as empresas que utilizam estes produtos como matéria-prima, no Estado, são bastante heterogêneas no que diz respeito à sua expressão na economia regional. A maioria são indústrias de pequeno porte, enfrentam o problema comum a todas as empresas do setor, dependência de matéria-prima e mesmo escassez das mesmas, especialmente polietileno, fornecida por firmas especializadas localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Estes fatos explicam a fraca mobilização das indústrias de ponta do Estado. Isso se deve ao fato de que, atualmente a REFAP (Refinaria Alberto Pasqualini), situada no município de Canoas na região metropolitana de Porto Alegre, não consegue atender a toda a demanda da COPESUL. Enquanto o consumo do Pólo Petroquímico chega a 240 mil metros cúbicos de nafta por mês, a REFAP fornece somente 140 mil metros cúbicos. Isso explica o fato da nafta vir de outros Estados.

* Aluna no Curso de Geografia e bolsista do Programa Especial de Treinamento (PET/GEOGRAFIA) da UFRGS